

**A RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA NO DESENVOLVIMENTO DA
ORALIDADE DO ALUNO SURDO NA ESCOLA EPHETA**

Adrielle Louise Bassan ¹
 Mônica Cristiane David ²
 Andressa Blitzkow Lima ³
 Katrin Mariane Madruga ⁴
 Grasiele Albano Coelho Penteriche ⁵

RESUMO

O presente artigo tem como propósito elucidar as contribuições da relação da família e escola, no desenvolvimento do aluno surdo na metodologia oralista. Para tanto, partiu-se da hipótese da dificuldade da família e escola compreender métodos adequados para trabalhar com alunos surdos na intenção de incluí-los na sociedade para tornarem-se pessoas com autonomia, participantes e ativos na vida social. Partiu-se do seguinte questionamento: como a relação família e escola contribui no desenvolvimento da oralidade do aluno surdo na Escola Epheta? Sendo assim, este trabalho tem como objetivo geral compreender a relação família e escola no desenvolvimento da oralidade do aluno surdo no Ensino Fundamental na Escola Epheta e como objetivos específicos são: Identificar o desenvolvimento da criança surda no Ensino Fundamental I da Escola Epheta; Perceber a relação família e escola na vida do surdo; Analisar a metodologia oralista da Escola Epheta. A escolha da Escola Epheta foi justamente por apresentar metodologias específicas que contemplam a utilização da oralidade para alunos surdos. Desta forma, foi buscada na literatura autores como Knobel (1992), Gomes (1994), Rinaldi (1997), Ciccone (1996) e Cau (2003) entre outros. Portanto, para se atingir os objetivos do trabalho pesquisou-se sobre o percurso histórico da surdez, as contribuições do Implante C coclear e a relação família escola e família-alunos. A metodologia adotada foi de abordagem qualitativa, permitindo as pesquisadoras um olhar aguçado nas observações *in loco*. A pesquisa utilizou-se de questionário com professores, com equipe pedagógica, com pais e/ou responsáveis, além de observações em sala de aula na intenção de verificar como ocorre a aplicação da metodologia oralista na Escola Epheta. Diante disso foi possível concluir que ainda existem barreiras para a socialização e o aprendizado dos indivíduos surdos, como: a mudança da cultura surda, a qual os próprios surdos não querem interagir com os ouvintes e se excluem; a falta de investimento em pesquisa; falta de investimento na escola que desenvolve a metodologia oralista; a maneira de pensar dos pais e dos próprios surdos por acreditarem que não irão aprender falar e se comunicar oralmente. No entanto, na Escola Epheta verificou-se que a união de professores, profissionais e familiares, que são comprometidos com a metodologia oralista, consegue obter os resultados esperados, que é a inserção dos surdos na sociedade, bem

¹ Graduada em Pedagogia pela Faculdade Opet.

² Mestre em educação, Especialista em OTP e EAD, Professora de Graduação e Pós graduação, Orientadora de Trabalho de Conclusão de Curso, Membro do Núcleo Docente e Estruturante, Supervisora de Estágio.

³ Graduada em Pedagogia pela Faculdade Opet.

⁴ Graduada em Pedagogia pela Faculdade Opet.

⁵ Graduada em Pedagogia pela Faculdade Opet.

como formar profissionais aptos para atuarem em qualquer área de trabalho, conseguindo interagir de igual para igual com todos os ouvintes, formando cidadãos críticos e independentes.

Palavras chaves: surdez, oralidade, relação família e escola, escola Epheta.

ABSTRACT

The purpose of this article is to elucidate the contributions of the family and school relationship in the development of the deaf student in oral language methodology. In order to do so, it was based on the hypothesis of the difficulty of the family and school to understand adequate methods to work with deaf students in order to include them in society to become autonomous people, participants and active in social life. The following question was asked: how does the relationship between family and school contribute to the development of orality of the deaf student in Epheta School? Therefore, the main objective of this work is to understand the relation between family and school in the development of the orality of the deaf student in primary education in the Epheta School and the specific objectives are: To identify the development of the deaf child in primary education of the Epheta School; Realize the family and school relationship in the life of the deaf; To analyze the oralist methodology of the Epheta School. The choice of Epheta's School was precisely to present specific methodologies that contemplate the use of orality for deaf students. In this way, authors such as Knobel (1992), Gomes (1994), Rinaldi (1997), Ciccone (1996) and Cau (2003) et al. Therefore, in order to reach the objectives of the study, we investigated the historical course of deafness, the Cochlear Implant contributions and the family-school-family-students relationship. The methodology adopted was of qualitative approach, allowing the researchers a sharp look in the *in loco* observations. The research used a questionnaire with teachers, pedagogical staff, parents and / or guardians, as well as observations in the classroom in order to verify how the application of oral methodology in Epheta School occurs. Thus, it was possible to conclude that there are still barriers to the socialization and learning of deaf individuals, such as: the change of the deaf culture, which the deaf themselves do not want to interact with the listeners and exclude themselves; Lack of investment in research; Lack of investment in the school that develops the oral methodology; The way of thinking of parents and the deaf themselves because they believe they will not learn to speak and communicate orally. However, at the Epheta School it was found that the union of teachers, professionals and family members, who are committed to the oral methodology, are able to obtain the expected results, which is the insertion of the deaf in society, as well as to train professionals able to work in any area of work, managing to interact equally with all listeners, forming critical and independent citizens.

Keywords: deafness, orality, family and school relationship, Epheta School.

1 INTRODUÇÃO

A busca por compreender como é o processo de aprendizagem dos alunos surdos instigou o grupo de acadêmicas do curso de Pedagogia a desenvolver uma pesquisa sobre o assunto. Também para corroborar com a investigação, verificou-se como acontece a relação da família, surdos e ambiente escolar.

Nesse contexto, o estudo realizado foi desenvolvido em uma escola a qual aplica a metodologia oralista no ensino do aluno surdo. Dessa maneira, buscou-se perceber as necessidades desse indivíduo no seu processo de aprendizagem desde o nascimento até a sua socialização e inserção ao mercado de trabalho.

A descoberta da surdez em uma criança às vezes pode demorar meses e até anos, tendo em vista que em um primeiro momento é vista como saudável por seus pais. A decepção e frustração são os primeiros sentimentos dessa descoberta por ainda haver um pré-conceito perante a sociedade. Dessa forma a procura por profissionais que orientem tanto a família como o indivíduo surdo passam a ser indispensáveis no processo de aprendizagem dessa criança.

Dessa forma a família ao ser orientada passa a ser primordial para a boa formação da criança surda. O autor Castro (1999) ressalta a necessidade de participação efetiva por parte dos pais, tendo em vista que este apoio constitui a base para a socialização do surdo, sua compreensão das coisas e o entendimento de suas diferenças.

A questão elencada para essa pesquisa é: Como a relação família e escola contribui no desenvolvimento da oralidade do aluno surdo-na Escola Epheta?

Como pressuposto tem-se que a parceria entre a família e escola são necessárias, já que compete a esses pilares sustentar e aprimorar o aprendizado no aluno surdo, bem como inseri-lo na sociedade onde sua maioria é composta por indivíduos ouvintes.

Ao se desenvolver esse trabalho teve-se como objetivo geral compreender a relação família e escola no desenvolvimento da oralidade do aluno surdo no Ensino Fundamental na Escola Epheta e, como objetivos específicos: identificar o desenvolvimento da criança surda no Ensino

Fundamental da Escola Epheta; perceber a relação família e escola na vida do surdo; analisar a metodologia oralista da Escola Epheta.

As pesquisas realizadas foram bibliográficas focando a surdez, a relação família-escola e a metodologia oralista. E em seguida realizadas pesquisas de campo de cunho qualitativo e quantitativo.

2 DESENVOLVIMENTO

Ao longo da história os surdos e qualquer indivíduo com alguma limitação física ou mental são excluídos e rejeitados pela família e sociedade como um todo. Como consequência disso, eram colocados em asilos, trancados em casa e considerados como inúteis a comunidade. (GOLDFELD, 1997).

Jannuzzi (2004) relata que o pesquisador italiano Gerolamo Cardano no século XVI concluiu que a surdez não afetava o desenvolvimento intelectual, bem como o indivíduo surdo tinha capacidade de aprender a escrever e expressar seus sentimentos. Assim, surgiram os primeiros educadores de surdos na Europa, no século XVI, criando diferentes metodologias de ensino, nas quais se utilizava a língua auditiva-oral nativa, língua de sinais, datilologia (representação manual do alfabeto) e outros códigos visuais, podendo ou não associar estes diferentes meios de comunicação.

No entanto, na história dos surdos o que mais se teve destaque foi à criação da língua de sinais americana, com influência francesa, criada nos Estados Unidos no século XIX. A linguagem de sinais no Brasil (LIBRAS) foi definida como meio de comunicação legal a partir da Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Assim, criou-se também no Brasil a instituição dos surdos-mudos, hoje é o Instituto Nacional de Educação de surdos.

Na Constituição Federal, art. 59 (BRASIL, 1996), prevê que os educandos com necessidades especiais têm direito a currículo, métodos e recursos educativos de acordo com suas necessidades, bem como professores especializados para atender esse público.

Em 2010 a Lei nº 12.319, de 1º de setembro, regulamenta a profissão de tradutor e intérprete da Língua de Sinais Brasileira, tornando o acesso do aluno surdo às escolas mais viáveis, pois assim o governo deve disponibilizar pessoas capacitadas que atendam às necessidades desses alunos, e que

façam sua inclusão, pois de acordo com o artigo 208 de 1988, da Constituição Brasileira as pessoas surdas têm direito a seguir na escola regular de ensino.

Neste contexto histórico da surdez, da inclusão dos indivíduos surdos na sociedade e criação de uma língua de sinais, tem-se a metodologia oralista, a qual começou a ganhar força a partir da segunda metade do século XIX, em prejuízo da língua de sinais, que acabou sendo proibida.

Segundo Goldfield (1997), o mais importante patrono do oralismo foi Alexander Graham Bell, que teve grande influência no resultado no Congresso Internacional de Educadores de Surdos, realizado em Milão no ano de 1880. No Congresso, foi colocado em pauta qual método deveria ser utilizado na educação dos surdos.

O Oralismo venceu e o uso da língua de sinais foi oficialmente proibido. Lembrando que o poder do voto foi negado aos professores surdos. No início do século XX a maior parte das escolas em todo o mundo deixa de usar a língua de sinais.

A oralização passa a ser o principal objetivo da educação das crianças surdas e, para aprenderem a falar, passavam a maior parte do tempo nas escolas recebendo ensinamento oral.

A educação oral requer um esforço total por parte da criança, da família e da escola. Segundo Goldfeld (1997):

Envolvimento e dedicação das pessoas que convivem com a criança no trabalho de reabilitação todas as horas do dia e todos os dias do ano; Início da reabilitação o mais precocemente possível, ou seja, deve começar quando a criança nasce ou quando se descobre a deficiência; Não oferecer qualquer meio de comunicação que não seja a modalidade oral. O uso da língua de sinais tornará impossível o desenvolvimento de hábitos orais corretos; A educação oral começa no lar e, portanto, requer a participação ativa da família, especialmente da mãe; A educação oral requer participação de profissionais especializados como fonoaudiólogo e pedagogo especializado para atender sistematicamente o aluno e sua família; A educação oral requer equipamentos especializados como o aparelho de amplificação sonora individual. (GOLDFELD, 1997, p.45)

Dessa forma as escolas são transformadas em salas de tratamento, pois os professores precisam procurar estratégias pedagógicas e terapêuticas para auxiliar na aprendizagem do surdo no dia a dia escolar.

Capovilla (2000) ao explicitar o método Oralista na comunicação com pessoas surdas ressalta que:

O método oralista objetivava levar o surdo a falar e a desenvolver a competência linguística oral, o que lhe permitiria desenvolver-se emocional, social e cognitivamente do modo mais normal possível, integrando-se como um membro produtivo do mundo dos ouvintes. (CAPOVILLA, 2000, p.102)

O surdo desenvolve a comunicação linguística de forma prática com Audição – Voz e Fala e Leitura – Produção e Análise Linguística, assim aos poucos o surdo começa a desenvolver a competência linguística oral.

Os indivíduos com perda auditiva profunda apresentam sensação auditiva que não era possível anteriormente e geralmente conseguem comunicar-se melhor do que utilizando o AASI⁶.

Para que o desenvolvimento da criança surda ocorra na sua totalidade é importante também que a família proporcione um ambiente favorável e consciente de seu papel na formação escolar, garantindo que a mesma desenvolva o cognitivo, sua linguagem e seu emocional. Sendo assim a comunicação entre a família e a escola devem ocorrer de maneira eficaz.

Uma boa aliança familiar, segundo Brito e Dessen (1999), é fundamental para a aceitação do deficiente no seio familiar. Mas para que isto ocorra faz-se necessário o estabelecimento de uma interação efetiva, o que é favorecido pelo estabelecimento do diagnóstico precoce da surdez e consequentemente da adoção, o mais cedo possível, de um correto processo de comunicação entre a família e a criança surda.

A forma como a pessoa surda é tratada em casa irá determinar a imagem que ela terá de si mesma (STELLING, 1999), porque é na família que muitos valores, crenças e costumes são transmitidos de geração para geração, por meio da linguagem. A família é a primeira referência de uma criança, é através dela que a criança se relaciona com o mundo que está inserido.

Gomes (1994) relata a família como agente primário de socialização, pois as primeiras relações de afeto são provenientes dos pais. Desta maneira a família contribui para que a criança forme uma personalidade única e se relacione com a sociedade.

A chegada de uma criança com surdez requer reorganizações e atitudes que possibilitem alcançar os seus objetivos propostos na sua vida pessoal e

⁶ AASI - Aparelhos De Amplificação Sonora Individual

vida escolar, fazendo com que o sujeito possa atingir sua autonomia e gerência pessoal fazendo assim o seu projeto de vida.

3 O PROCESSO METODOLÓGICO E A PESQUISA

Após um estudo teórico sobre a surdez, a oralidade e necessidade da família no processo de aprendizagem do aluno surdo, desenvolveu-se uma pesquisa de campo através de questionários, entrevistas e observações realizadas na Escola Epheta, pioneira da metodologia oralista, localizada na cidade de Curitiba/Pr.

Os questionários foram aplicados aos professores da instituição, o qual eram compostos por seis questões, sendo: quatro fechadas e duas dissertativas. Aos pais/responsáveis e equipe pedagógica realizaram-se entrevistas, sendo que no questionário para os pais e/ou responsáveis tinham quatro questões fechadas e duas questões abertas, e para a equipe pedagógica teve um questionário com três perguntas fechadas e quatro abertas.

A instituição conta com 40 professores, concursados pelo Estado e município. A princípio, os questionários seriam aplicados com todos, mas apenas cinco questionários foram respondidos e entregues. Para os autores Marconi e Lakatos (2005), quando se realiza a entrega de questionários, têm se de retorno uma média de 25% de devolução. Isso para eles está ligado a diversos fatores, entre eles: falta de comprometimento, os pesquisados não encontram tempo, desinteresse, extravio dos questionários, medo de se contrapor à instituição e se prejudicar profissionalmente.

Nos questionários verificou-se que todos os professores têm graduação e especialização em Educação Especial. De acordo com a Lei nº 9.394 de 20 de Dezembro de 1996 (BRASIL, 1996), os professores das escolas de educação especial, precisam ter graduação e especialização em Educação Especial, e ainda, uma educação continuada, que no caso dessa escola é oferecida semanalmente pela escola e semestralmente pelo Estado, de acordo com os professores.

Nas outras questões observou-se que a oralidade, no ponto de vista dos professores entrevistados, auxilia os alunos surdos na aprendizagem no

ambiente regular, bem como na escrita e leitura, na convivência com os indivíduos ouvintes, na socialização de maneira geral. E para que isso ocorra de maneira eficaz, faz importante a participação da família em união com a escola, a qual ocorre semanalmente e diariamente, através de tarefas de casa e trabalhos.

Uma das questões abordadas foi sobre os problemas encontrados pelos professores, os quais responderam que a maior dificuldade está nas faltas constantes dos alunos às aulas e de socialização. As ausências constantes ocorrem pois os pais e responsáveis dão prioridade ao ensino regular e no período que estariam na Escola Epheta agendam consultas, exames, além também da distância, pois a escola atende alunos da região metropolitana.

A escola possui 110 alunos, sendo de Curitiba e de algumas cidades em torno. O vice-diretor que atendeu as acadêmicas disse que seria complicado ter retorno dos pais caso fossem aplicar questionários, e sugeriu que acadêmicas conversassem com alguns que estavam na escola, no espaço de convivência, aguardando por seus filhos, chegando-se assim a conclusão que com a entrevista as respostas e análises atingiriam com mais eficiência os objetivos almejados.

A entrevista foi feita com três responsáveis, sendo: duas mães de alunos e uma avó que acompanha suas duas netas surdas. As mães são de Curitiba e a avó é de uma cidade próxima, chamada Mandirituba. Os alunos têm entre 2 e 14 anos. Nessa entrevista foi possível perceber que para todos os responsáveis a descoberta da deficiência auditiva foi muito difícil, principalmente na aceitação. O primeiro passo foi procurar por ajuda médica, e o encaminhamento para a Escola Epheta aconteceu em um segundo momento.

Em uma das questões verificou-se que a oralidade é trabalhada em casa pela maioria dos pais para dar continuidade no aprendizado da escola, mas uma das responsáveis aborda que entre as irmãs surdas a comunicação ocorre através de LIBRAS. Para Bernard e Erickson (1986), os primeiros mestres dos filhos são os pais a partir da aceitação ao filho com necessidades especiais. Desta maneira, nota-se como se torna fundamental a participação ativa dos pais no desenvolvimento da criança surda não somente em casa, mas no ambiente escolar.

De acordo com os entrevistados a Escola Epheta dá todo o apoio para que o aprendizado da oralidade ocorra de forma eficaz, oferecendo atendimento especializado e acompanhamento de fonoaudiólogos e psicólogos, além da direção colocar-se também a disposição. Quando é verificada alguma deficiência no aprendizado, a Epheta busca quais as necessidades, e coloca-se a disposição, ou seja, existe uma profissional que entra em contato com a escola regular do aluno buscando verificar como está o aprendizado e se tem verificado alguma dificuldade de aprendizagem, buscando sanar junto aos professores do ensino regular e incluindo a família nesse processo.

Libâneo (1994) aborda a importância de se acompanhar e avaliar os alunos constantemente, pois é através disso que se pode melhorar e auxiliar o aluno em suas dificuldades.

Na questão que verificou como os pais participam da vida escolar dos seus filhos, os pais e responsáveis responderam que ocorre através de reuniões marcadas pela escola, ou quando sentem alguma dificuldade procuram a escola imediatamente, pois têm fácil acesso a todos da escola.

Uma pergunta verificou se como os pais e responsáveis consideram a participação da escola na vida social do aluno, sendo que todos responderam que a oralidade auxilia muito na socialização das crianças, pois conseguem se comunicar com os colegas ouvintes, além disso, também se verificou uma mudança no aprendizado, já que apenas uma das alunas possui intérprete, as outras que têm entre 8 e 14 anos precisam se esforçar para acompanhar os colegas no ensino regular.

Quando questionada sobre como se dava a continuidade da oralidade com intérprete, a mãe respondeu que a Escola Epheta instruiu esse profissional a não se comunicar em LIBRAS, apenas oralmente, sendo assim esse auxilia nas atividades, sem que seja necessário apenas realizar a tradução através dos sinais.

Outra pesquisa foi realizada com o vice-diretor da instituição e com a equipe que desenvolve o material da Metodologia Oralista, composta por quatro pessoas: uma desenhista, concursada, formada em Artes e estudos adicionais (antigo Educação Especial); uma professora formada em Pedagogia com especialização em Educação Especial e tem uma filha surda com 18 anos;

1 ex coordenadora pedagógica, formada em Letras e Educação Especial e hoje faz um trabalho voluntário; e uma recém contratada para auxiliar na formulação das apostilas, como revisão de textos.

Com as respostas obtidas nessa entrevista observou-se que a metodologia oralista é repleta de detalhes, por exemplo, para cada fonema existe uma apostila, a qual possuem exercícios de oralidade, músicas, muitas ilustrações, textos e dinâmicas. O aprendizado ocorre através de fontes visuais (cartazes), música (batidas), vivências (teatro), entre outros momentos.

Para que esse processo de ensino-aprendizagem ocorra de maneira eficaz à equipe entrevistada além de confeccionar a apostila também desenvolve os materiais a serem utilizados em cada aula, por exemplo, cartazes ou jogos a serem utilizados.

As apostilas não são levadas para casa, ou seja, existe pouca tarefa de casa, o primeiro motivo é que as apostilas não estão registradas e existe o medo da reprodução desse material, sendo que estão registrando na Biblioteca Nacional aos poucos, por haver um alto custo; o segundo motivo de não ter muita tarefa de casa é porque os alunos já têm tarefas do ensino regular e não podem ser sobrecarregados.

Quando questionados como ocorre à participação dos pais no aprendizado dos alunos, responderam que através das reuniões semestrais ou quando há troca de apostilas, onde os pais são convidados a ir até a escola ver as atividades realizadas em apostila. E na questão seguinte verificou-se que a família interfere no aprendizado do seu alunado, de acordo com os entrevistados a participação da família dando continuidade à oralidade em casa é de extrema importância, já que os alunos passam pouco tempo na Epheta. Sendo assim, para eles o mais importante é o aprimoramento do material da metodologia oralista e a união da família e escola para que o processo de ensino aprendizagem ocorra com eficiência e eficácia.

A última pergunta verificou qual a maior dificuldade, obtendo-se como resposta a falta de investimento nos materiais, investimento em pesquisas para verificar por exemplo, o grau de eficiência dos implantes cocleares e aparelhos de audição, e ainda, a dificuldade na mudança da cultura surda, tendo em vista que:

A cultura como diferença se constitui numa atividade criadora. Símbolos e práticas jamais conseguidos, jamais aproximados da cultura ouvinte. Ela é disciplinada por uma forma de ação e atuação visual. Já afirmei que ser surdo é pertencer a um mundo de experiência visual e não auditiva. Sugiro a afirmação positiva de que a cultura surda não se mistura à ouvinte. Isso rompe o velho status social representado para o surdo: o surdo tem de ser um ouvinte, afirmação que é crescente, porém oculta socialmente. Rompe igualmente a afirmação de que o surdo seja um usuário da cultura ouvinte. A cultura ouvinte no momento existe como constituída de signos essencialmente auditivos (PERLIN, 1998, p.56).

Portanto, a maioria dos indivíduos surdos tem ainda uma barreira em deixar de falar a LIBRAS e aprender a oralidade, por entender que sua língua materna é a língua de sinais e assim o mundo deve adaptar-se a isso, não ele adaptar-se a sociedade dos ouvintes.

Isso também foi verificado na observação realizada pelas pesquisadoras. Essa observação ocorreu em um dia que a Escola Epheta recebeu a visita de outra escola de alunos ouvintes, os quais estavam realizando uma pesquisa sobre os deficientes auditivos. Nesse momento, os alunos ouvintes, com aproximadamente 12 anos, entrevistaram os alunos surdos, com idade entre 16 e 18 anos. Nessa entrevista, a professora da Escola Epheta repetia as questões, pois os alunos surdos precisam que haja articulação dos lábios, bem como que seja direcionado onde eles podem ver a boca e expressão facial.

Entre as questões estavam como ficaram surdos, entre eles: problema na gestação de ordem genética ou doença, nasceu com a “Síndrome de Landau-Kleffner”, e ainda, perdeu o nervo auditivo durante o nascimento. Além disso, foram questionados se todos tinham implante coclear, os quais responderam que depende do grau de audição: alguns possuem o Aparelho Auditivo e outros não utilizam nenhum aparelho.

Outra questão que se destacou foi qual a maior dificuldade encontrada, entre as respostas foi dificuldade no aprendizado pois alguns professores do regular não entendem que precisam direcionar-se aos alunos surdos, além dos barulhos externos que atrapalham muito na sua concentração. Também apontaram a socialização, quando menores havia muito bullying e exclusão pelos colegas ouvintes.

Neste dia também as pesquisadoras tiveram a oportunidade de conhecer um ex aluno da Escola Epheta. No primeiro momento começaram a conversar

sem saber que ele era surdo, só a partir do momento que o vice diretor o apresentou como ex aluno que verificaram. Ele entendia as perguntas e estudou na Epheta a partir dos 8 anos. No início disse que só se comunicava através de LIBRAS e aprendeu a metodologia oralista até os 18 anos e destacou que o que mais o ajudou na metodologia foi a musicalidade, realizada através das batidas. Também quando indagado sobre sua socialização ele diz que era normal, consegue se comunicar com todos, só precisa que falem olhando pois realiza muita leitura labial para auxiliar na compreensão.

Outro momento que as alunas puderam observar foi uma reunião de pais, as quais foram convidadas que seria a partir das 18h. Nesse momento o que aconteceu foi apenas uma prestação de contas por parte da escola a um vereador, ou seja, mostrar aos pais o valor que um vereador deu a escola e no que foi investido, após a prestação de contas, o vereador tomou a palavra, o qual fez sua propaganda política e depois deu uma breve palestra sobre epilepsia, na qual, mostrou apenas vídeos de pessoas tendo ataques epiléticos. Sendo assim, essa reunião não foi de grande valia. Depois, as alunas ficaram sabendo que durante a tarde houve uma reunião de troca de apostila com os pais, sendo que as alunas não ficaram sabendo e não foram convidadas. Concluindo-se assim, que não houve abertura plena da escola para que a pesquisa fosse realizada.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o respectivo trabalho foi possível perceber a importância que a família e escola desempenham na socialização de um indivíduo surdo. Desde cedo, quando a deficiência é descoberta os pais sabem que seu filho enfrentará diversas barreiras para se inserir na sociedade e o apoio dos familiares e responsáveis é essencial para o aprendizado.

A Escola Epheta é voltada para o ensino da oralidade aos indivíduos surdos, desde a infância até o ensino profissionalizante, através de uma metodologia oralista a escola oferece todo o apoio e complemento de estudos aos alunos surdos. Além do ensino complementar, existe um acompanhamento que a instituição faz com seus alunos matriculados no ensino regular, oferecendo apoio aos professores do ensino regular que possuem matriculados

os alunos da Epheta. A família também é orientada e atendida por profissionais especializados, com o intuito de ajudar e salientar a importância de se trabalhar a oralidade dentro e fora da escola.

Com a pesquisa de campo realizada, através de questionários, entrevistas e observações foi possível perceber que ainda existem barreiras para a socialização e o aprendizado dos indivíduos surdos como: a mudança da cultura surda; a falta de investimento em pesquisas e; falta de investimento na escola que desenvolve a metodologia oralista.

Logo, a Escola Epheta está desenvolvendo um trabalho de desenvolvimento de um material voltado à metodologia oralista, que de acordo com o vice diretor, não possui em lugar nenhum do Brasil, sendo que está sendo desenvolvido e registrado por essa instituição. Através da musicalização, do ensino do português, de vivências, aulas de educação física os alunos têm suporte para aprender e compreender a linguagem oral, transformando a LIBRAS em segunda língua.

Concluiu-se que a união de professores, profissionais e pais, que são comprometidos com a metodologia oralista, conseguem obter os resultados esperados, os quais estão: inserir os surdos na sociedade, bem como formar profissionais aptos a atuar em qualquer área de trabalho, conseguindo interagir de igual para igual com todos os ouvintes, formando cidadão críticos, independentes e formadores de opinião.

5 REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas.** São Paulo: Perspectiva, 1992.

BRASIL. Secretaria Nacional da Justiça. **A Classificação Indicativa na Língua brasileira de Sinais.** Brasília, 2009.

Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 2002.

Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010. Regulamenta a profissão De Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais – Libras. Brasília, 2010.

Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União de 23 de dezembro de 1996. Disponível em: <http://www.pge.sp.gov.br/centrodeestudos/bibliotecavirtual/dh/volume%20i/cullei9394.htm> Acessado em: 15/05/2016.

Ministério da Educação. **Constituição Federal**. Brasília; Imprensa Oficial, 1988.

RESOLUÇÃO CNE/CEB Nº 2, DE 11 DE SETEMBRO DE 2001. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf>, acesso em 04 de julho de 2008.

Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei nº 8.068 de 13 julho de 1990. (Ementa). Diário Oficial da União de 13 de julho de 1990. LEI Nº 12.796, DE 4 DE ABRIL DE 2013. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/l12796.htm

BRITO, A. M. W.; DESSEN, M. A. **Crianças surdas e suas famílias: um panorama geral.** Revista: Psicologia: Reflexão e Crítica, Porto Alegre, v. 12, n. 2, p. 429-445, 1999.

CAPOVILLA, Fernando C. **Filosofias Educacionais em relação ao surdo: do Oralismo à comunicação total ao bilinguismo.** Revista Brasileira de Educação Especial, v.6, nº1, 2000, p.99-116.

CASTRO, R. G. **Libras: uma ponte para comunicação entre pais ouvintes e filhos surdos.** 1999. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação Especial Infantil fundamental). Universidade Estadual de Maringá: Maringá, 1999.

CAU, Fortunato. **RDLS: uma opção para analisar a linguagem de crianças surdas usuárias de implante coclear.** Dissertação de Mestrado. São Carlos: UFSCAR, 2003, 109p.

CICCONE, M. **Comunicação Total: introdução, estratégias a pessoa surda.** 2ª Ed. Rio de Janeiro: Cultura Médica, 1996.

GOLDFELD, M. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sócio interacionista.** São Paulo: Plexus, 1997.

A criança surda: linguagem e cognição numa perspectivasóciointeracionista. 2 ed. São Paulo: Plexus, 2002.

GOMES, H. G. **Educação para família: uma proposta de trabalho preventivo.** Rev. Bras. Cres. Des. Hum., São Paulo, v. 4, n. 5, p. 34-35, 1994.

JANNUZZI, G. S. M. A. **Educação do Deficiente no Brasil: dos primórdios ao início do século XXI.** 1. ed. Campinas: Autores Associados, 2004.

KNOBEL, M. **Orientação familiar.** Campinas, SP: Papirus, 1992.

LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. São Paulo: Cortez Editora, 1994.

LIBÂNEO, José Carlos. *Organização e gestão: teoria e prática*. São Paulo: Alternativa, 2001.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. *Fundamentos de metodologia científica*. 6^a Ed. São Paulo: Atlas, 2005.

PERLIN, G.T.T. *Histórias de vida surda: identidades em questão*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRGS/FACED, 1998. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/91426/259181.pdf?sequence=1>. Acessado em 29/09/2016.

PERLIN, G.T.T. *A cultura surda e os intérpretes de Língua de Sinais*. In: **Educação Temática**. Digital, Campinas, v.7, nº.2, junho, 2006. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/91426/259181.pdf?sequence=1>. Acessado em 29/09/2016.

RINALDI, G. Fascículo 2 –Educação Especial: O papel da família frente à surdez. In: _____. Et al. Educação Especial: Deficiência Auditiva. vol. 1. Série Atualidades Pedagógicas 4. Brasília: MEC/SEESP, 1997.

SACKS, O. ***Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos***. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SOARES, M.A.L. - *A educação do surdo no Brasil*. Campinas, SP: Autores Associados; Bragança Paulista: EDUSF, 1999.

STELLING, E. P. ***A relação da pessoa surda com sua família***. Revista Espaço, Rio de Janeiro, n. 11, p. 45-47, 1999.

STELLING, Esmeralda. ***O aluno surdo e sua família***. In: Repensando a educação da criança surda. (Org.) Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES. Divisão de Pesquisas, Rio de Janeiro, 1996.